



organizadores

Luciana Gruppelli Loponte

Cristian Poletti Mossi

arteversa

arte,
docência
e outras invenções



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786

ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções / Organizadores Luciana Gruppelli Loponte, Cristian Poletti Mossi. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-628-3

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.96283

1. Educação. 2. Arte. 3. Professores. I. Loponte, Luciana Gruppelli (Organizadora). II. Mossi, Cristian Poletti (Organizador). III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-5939-632-0

Arte, Docência e Outras Invenções: apresentação

Luciana Gruppelli Loponte

Cristian Poletti Mossi

Uma questão ficou grávida. Grávida de indagações, grávida de outras perguntas. Grávida de apostas. Grávida de um coletivo. Grávida do desejo de se reunir sistematicamente para pensar as relações possíveis entre arte contemporânea, educação e formação docente.

Assim surgiu o Arteversa. De uma questão, ou de muitas: *que relações podemos estabelecer entre arte contemporânea, educação e formação docente?* Ela nos acompanha já há pelo menos sete anos e, nesse tempo, retornamos a ela muitas e muitas vezes de modo a reatualizá-la. Quais práticas artísticas contemporâneas nos interessam, quais nos mobilizam? O que nos perturba no campo da educação e da formação docente? De que modo percebemos que nossas discussões e práticas em torno de arte, experiência estética e formação docente podem trazer olhares novos, pontos de vista pouco pensados?

Desde a criação do *Arteversa - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência* em 2015, temos tido como foco principal de estudo as relações entre arte, experiência estética e formação docente. Até então, temos nos organizado em três linhas de pesquisa que se complementam: (1) Arte e processos de formação docente; (2) Práticas artísticas contemporâneas, educação e docência; (3) Gênero, artes visuais e educação. Essas linhas não se excluem, se interpenetram e tem se atualizado ao longo desse tempo.



Contamos com a participação de pesquisadoras e pesquisadores de várias universidades do país e do exterior, que estão divididos por essas linhas de pesquisa e atuam como docentes tanto na educação básica, como no ensino superior. Essa rede vem se fortalecendo e combina não só tempos e espaços em multiplicidade, como também uma variedade de perspectivas no que concerne às inter-relações, grosso modo, entre arte e educação. O Arteversa entende que pesquisar, ensinar, produzir conhecimento, se dá sobremaneira nessa horizontalidade que aporta não apenas confluências, mas também disputas e negociações de sentidos.

Nos últimos anos, mesmo antes do Arteversa se organizar como um Grupo de Pesquisa junto à Plataforma do CNPq, tivemos financiamento público para algumas pesquisas através de várias edições do Edital Universal do CNPq: “Arte e estética na formação docente”, em 2007; “Arte contemporânea e formação estética para a docência” em 2010; “Docência como campo expandido: arte contemporânea e formação estética”, em 2013; “O campo expandido da arte e da docência: aproximações, tensões, processos e práticas artísticas contemporâneas”, de 2018 até o momento atual. Tais investigações fortaleceram a formação do Arteversa como um Grupo de Pesquisa e foram ajudando a cultivar algo que para nós, hoje, é muito caro: os trânsitos e as invenções possíveis entre arte e escola, arte e educação, arte e docência. Sem dúvida, é nos desdobramentos entre essas dimensões que o grupo se sustenta e aposta que pode oferecer alguma contribuição.

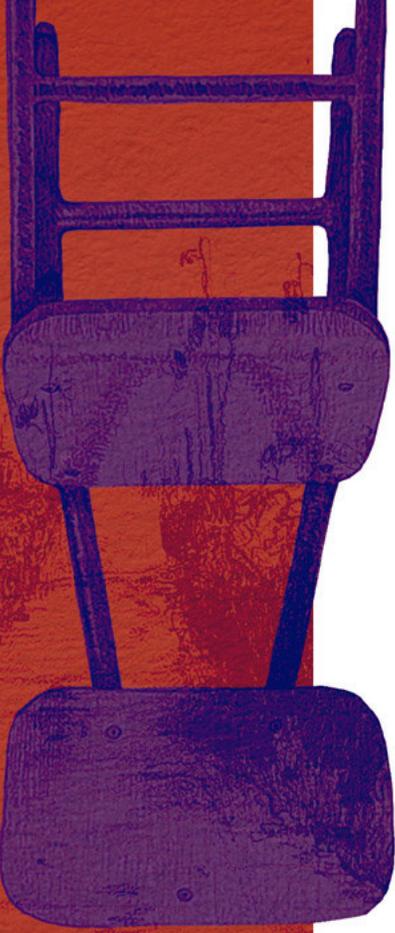
O nosso *site*, por exemplo, expõe isso de forma explícita, enquanto plataforma que comporta não apenas as produções do Grupo, mas também as aliadas e os aliados dos planos de pensamento que traçamos com nossas pesquisas individuais e coletivas. Artistas, autoras e autores que, para nós, têm sido caros na composição daquilo que compreendemos e propomos enquanto arte, educação e pesquisa. Nesse sentido, é possível acompanhar as atualizações que



vão ocorrendo nesse suporte, através das redes sociais. Desde o lançamento do nosso site (www.ufrgs.br/artevera), a intenção foi de criar um canal de comunicação com o público docente através das seções “Coleção de Artistas” e “Textos para abrir uma conversa”, convidando a uma aproximação de docentes com as questões instauradas sobre o tempo presente pela produção artística contemporânea. A nossa intenção nunca foi a de indicar “como ensinar” arte contemporânea, mas de convidar a pensar junto, a descobrir novas vias de compreensão de temas emergentes que dizem respeito à vida de todos nós, tais como: feminismos, sexualidades, racismos cotidianos, ambiente, infância, escola, pandemia e tantos outros. Como os processos formativos da docência podem expandir-se a partir dessas novas “configurações do possível”, como nos provoca Rancière (2012)?

Além das reuniões do grupo, temos realizado reuniões abertas à comunidade, como ações de extensão articuladas à pesquisa, constituindo-se como um espaço de escuta e produção que contribui muito com o nosso trabalho. Elas têm funcionado como momentos muito singulares, onde é possível expor a um coletivo ampliado aquilo que temos realizado, mas também como momentos para abrir-se a olhares, percepções, pontos de vista, enfim, elementos diversos que, sem as reuniões abertas e a efetiva participação de muitas pessoas que colaboram com nossas propostas e investidas, não chegariam até nós. A dinâmica sempre tem funcionado da mesma forma: lançamos às pessoas convidadas uma questão e, assim, elas encontram formas de produzir respostas a partir dela. Essas questões são formuladas sempre pelo coletivo de pesquisadoras e pesquisadores mediante temas e noções que estão em circulação em seus estudos e investigações, mas, sobretudo, são ancoradas nos debates que realizamos em nossos encontros mensais.

Em nossa primeira reunião aberta, em 2016, os convidados Marcos Vilella Pereira e Lucimar Bello pensaram conosco: *O que/ou de que*



*modo a arte (especialmente, as práticas artísticas contemporâneas) potencializa os campos da educação, formação e pesquisa? Em 2017, Glòria Jové nos ajudou a pensar: O que pode ser uma escola? Em 2018, as professoras Renata de Oliveira e Caetano, Andréa Senra Coutinho e Luciane Uberti foram convidadas a explorar a indagação: Arte e escola: que trânsitos são possíveis? Além das reuniões abertas, outros eventos foram organizados pelo Arteversa ao longo desses anos de existência do Grupo. Assim como as reuniões abertas, os eventos orientaram-se por uma questão que serviu de guia para as convidadas pensarem suas proposições. Em junho de 2019, por exemplo, Glòria Jové apresentou uma série de práticas de educação atravessadas por arte, por ela criadas e experimentadas na Universidade de Lleida (Catalunha/Espanha), em sua fala *E se o museu fosse uma escola?* Em novembro do mesmo ano, o Arteversa teve o prazer e a felicidade de receber Ivone Richter, grande nome do ensino das artes visuais no Brasil, para, além de comemorar seus 80 anos de vida, pensar com ela e sua obra *O que precisamos dizer de novo em arte e educação?**

No chamado “novo normal” imposto pelas medidas de isolamento social em função da pandemia de Covid-19, foi necessário, ainda que arduamente, nos reinventarmos em meio à crise. Nossas reuniões mensais passaram a ser realizadas on-line e a produção de conteúdo oriunda das pesquisas que realizamos, passaram a tocar em temas conectados ao momento que estamos vivendo: quais contribuições a arte e a educação podem oferecer ao contexto pandêmico e de isolamento? No final de 2020, realizamos uma reunião aberta que foi transmitida de modo on-line, tendo como convidada a artista Ana Flávia Baldisserotto, que explorou respostas possíveis para a pergunta que está no nosso site: *que relações podemos estabelecer entre arte contemporânea, educação e formação docente?* E, em 2021, oferecemos um curso de extensão virtual em parceria com o PRAPEDI (Programa de Extensão Práticas Pedagógicas do Colégio de Aplicação da UFRGS) que se chamou “Práticas artísticas para [desacomodar,

desassossegas, mobilizar, tensionar, movimentar, criar] práticas pedagógicas”, com participantes de várias partes do país. Em 2022, temos o prazer de organizar este livro, em que oferecemos nossas produções e modos de pensar sobre arte e docência, arte e educação, esperando chegar a um público mais amplo.

Uma das principais bússolas que tem guiado o Arteversa ao longo desses anos é a concepção de arte não como algo para poucos, algo apartado do cotidiano e desconectado das formas de existência que compõem um mundo comum. Arte, para o Arteversa, pode ser, antes de mais nada, criação coletiva de éticas, estéticas e políticas, invenção de instrumental poético para surfar, para deslizar pelo fluxo da vida. Daí seu potente atravessamento – ou *arteversamento*, se preferirmos falar nos termos de uma licença poética – com a educação e a docência. Como grupo, temos inventado novas relações entre arte e docência, fugindo das relações mais óbvias e superficiais. Convidamos a cada um que nos lê a inventar conosco.

O título deste livro, *ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções*, quer marcar o caráter móvel, não hierárquico e inventivo com que entendemos a relação entre arte e docência. Temos explorado de muitas maneiras novas combinações, ações e possibilidades entre a arte, especialmente as possibilidades abertas por produções artísticas contemporâneas e o que se entende por docência, em qualquer área de conhecimento. O que as artes podem dizer à docência? O que a docência, em especial, a docência para a educação básica pode dizer às artes? Neste livro, oferecemos para a leitura alguns textos oriundos de pesquisas ou de práticas pedagógicas que nos convocam a pensar sobre algumas dessas questões.

O livro está dividido em quatro seções: *Arte, educação e docência em deslocamento*; *Arte e processos de formação docente*; *Práticas artísticas contemporâneas, educação e docência*; *Arte e experimentações em pesquisa*.



Na seção *Arte, educação e docência em deslocamento*, trazemos três textos escritos originalmente em língua estrangeira (espanhol e inglês) e que, através deste livro, ganham uma versão em português pela primeira vez. A nossa intenção é oferecer ao público brasileiro a circulação de novas ideias em torno de arte e educação, a partir de textos que têm interessado e inspirado o grupo. O texto de Luis Camnitzer, *Nem arte, nem educação*, é parte de publicação oriunda de evento realizado em Madrid, Espanha em 2015/2016 que se intitulava “Ni arte ni educación: una experiencia en la que lo pedagógico vertebró o artístico”. O evento, que se configurava como uma exposição e um programa de atividades, foi organizado pelo Grupo de Investigación de Educación Disruptiva de Matadero Madrid (GED). Camnitzer, artista uruguaio radicado nos Estados Unidos, ocupou pela primeira vez a posição de curador pedagógico em uma exposição de arte contemporânea, a 6ª edição da Bienal do Mercosul, realizada em Porto Alegre em 2007, e destaca-se por sua crítica ácida tanto aos sistemas engessados da arte quanto da educação. Neste texto específico, Camnitzer critica a separação disciplinar e fragmentada entre arte e educação, enfatizando que declarar “nem arte, nem educação” não é uma negação, mas uma declaração crítica que busca uma palavra que ainda não existe.

O texto de Irit Rogoff, “Virando”, publicado pela primeira vez pelo *E-flux Journal* em 2008, é considerado um texto chave para a discussão em torno da chamada Virada Educativa (*educational turn* ou *giro educativo*), movimento que marca um crescente interesse de programas curatoriais e da produção artística contemporânea em relação à educação. Rogoff questiona se essa chamada virada do campo artístico em direção à educação, em contraponto às demandas educacionais tradicionais e globalizadas de produtividade, traduzidas na criação de formatos diversos de exposições, eventos e produções artísticas, manteria seu ímpeto inicial ou seria engessada, transformando-se e sendo apropriada como uma mera marca estilística.



O terceiro texto desta seção, escrito especialmente para este livro por Glòria Jové, professora da Universidad de Lleida, Espanha, conta um pouco dos encontros e devires transoceânicos inaugurados desde sua primeira visita ao Brasil, quando participou como formadora da ação educativa da 10ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Desde esse primeiro encontro em 2015 até hoje, estreitamos uma linda parceria entre idas e vindas ao Brasil e à Espanha, descobrindo afinidades, partilhando ideias, explorando novos territórios e pensando junto em torno das relações entre arte contemporânea e formação.

A seção *Arte e processos de formação docente* conta com quatro textos. O texto de Carmen Lúcia Capra, “Artes visuais e educação em associações vinculantes na formação docente”, parte da discussão sobre o que a autora chama das “políticas da arte na formação docente em artes visuais”. A autora defende, com forte densidade filosófica, que uma atitude política teria melhores condições de atender aos principais objetivos da educação básica, principal caminho trilhado por licenciandos em artes. O texto de Daniel Bruno Momoli e Sonia Tramujas Vasconcellos, “Currículo articulado por eixos: formação e acolhimento na licenciatura em artes visuais” apresenta discussão em torno de experiência de formação realizada no curso de Licenciatura de Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná, durante o período de isolamento decorrente da pandemia de Covid-19 durante os anos de 2020 e 2021. Uma proposta educativa emergencial foi construída, baseada em diferentes eixos, aproximando o curso a práticas interdisciplinares. Tathiana Jaeger de Moraes, em “Arte, animalidade e infância: potências éticas, estéticas e criativas para a formação docente” mobiliza a literatura de Clarice Lispector e obras da artista Nara Amélia para defender que “os animais, a infância e a arte parecem pensar, sentir e viver a vida num outro tempo, inventando outros modos de relação consigo, com os outros e com o mundo”, propondo que as relações entre arte, animalidade e infância podem desencadear processos formativos docentes mais criadores e abertos à diferença. O texto de Deborah Vier

Fischer e Karine Storck, “(Re) habitar a escola no tempo presente: exercícios cotidianos do fazer docente com a arte e com a escola”, parte de cenas-imagens de escola, considerando especialmente o momento inédito vivido nas escolas em decorrência da pandemia de Covid-19. Que escola foi essa que habitamos e (re)habitamos em meio a uma pandemia que forçou o nosso afastamento deste espaço?

A seção *Práticas artísticas contemporâneas, educação e docência* apresenta seis textos em que alguma conversação entre a produção artística contemporânea, a educação ou a docência é estabelecida. Carine Betker, no texto “Os projetos de artes visuais na rede municipal de ensino de Porto Alegre, como a arte pode ser inço?”, inspira-se na série *Inço é arte?*, de Ana Flávia Baldisserotto, buscando formas de resistência em projetos de ensino de artes visuais realizados na rede municipal de Porto Alegre, apesar das mudanças políticas de diferentes governos. Alexandre Santiago da Costa, em “Docência, pensamento filosófico e processos artísticos contemporâneos na primeira infância”, instaura algumas perguntas importantes: quais as relações possíveis entre o pensamento filosófico, docência na educação infantil e processos artísticos contemporâneos frente às novas demandas curriculares e às pedagogias da infância? Quais os atravessamentos e transversalidades na educação estética da primeira infância com o pensamento filosófico e os processos artísticos contemporâneos? O texto de Bernardo Bustamante Cardona, “Possibilidade da emergência de um sistema sensível: caso da corporação Casa Três Pátios de Medellín, estudo baseado na complexidade”, traduzido do espanhol especialmente para este livro, busca descrever um sistema de comunicação simbólica que emerge ao relacionar arte e pedagogia em contextos sociais na cidade de Medellín, Colômbia, tendo como caso escolhido a Casa dos Três Pátios, organização que reúne as necessidades da comunidade e o trabalho de artistas docentes. Marcelo Feldhaus, em “Kit do (im)possível: a dimensão estética na formação docente no ensino superior”, problematiza a pedagogia universitária, o cuidado de



si em Michel Foucault e algumas produções de arte contemporânea como disparadoras para pensar em uma dimensão ética e estética na docência no ensino superior, a partir de experiências realizadas em uma universidade comunitária. No texto “O campo expandido da arte e da docência: experimentações entre Porto Alegre e Lleida”, Luciana Gruppelli Loponte, em conversação com textos publicados neste livro, como os de Luis Camnitzer, Irit Rogoff e Glòria Jové, trata da chamada “virada educativa” e de experimentações dos grupos Espai Hibrid e Arteversa em torno de aproximações inventivas entre arte contemporânea e docência. Encerrando esta seção, Taís Ritter Dias, em “Pensar é altamente feminino, criar é altamente feminino: relações entre arte, feminismo e docência”, pergunta com o coletivo boliviano Mujeres Creando, Grada Kilomba e outras artistas: “Como podemos tomar as práticas feministas presentes na arte contemporânea para pensar a educação em um país persistentemente violento com as mulheres?”.

Na última seção do livro, *Arte e experimentações de pesquisa*, reunimos quatro textos que, de alguma forma, tensionam práticas comuns em pesquisa em educação a partir da arte. O Grupo POVOAR: arte, educação, filosofia e outros afetos apresenta em seu texto coletivo “Fazer pesquisa em educação ao nível do rio: com arte, filosofia e...”, modos de pensar a pesquisa em educação como fluxo, como propulsora de criação e de experimentação, uma pesquisa que aprende com o corpo e que incentiva conexões em multiplicidade. Carla Giane Fonseca do Amaral, em “Resistência e criação de si em uma pesquisa em educação” trata das formas de resistência encontradas em sua pesquisa de doutorado em que, uma coleção de memórias e uma prática poética de criação com *post its*, a colocou na posição de *sujeita-estudante-professora-pesquisadora-artista*. Em “Fissuras no cenário brasileiro: um ensaio escrito/visual sobre as interdições na arte e na educação em 2017”, Juliana de Lima Veloso apresenta algumas produções visuais criadas no âmbito de uma pesquisa de mestrado que se constituíram em uma forma distinta de apresentar dados de

uma investigação, rompendo com modos tradicionais de realizar uma pesquisa acadêmica. No texto “Uma filosofia do ser morada: habitar com arte a escola, a natureza e a maternidade”, Alessandra Baldissarelli Bremm apresenta três vivências em que arte e vida se entrelaçam fortemente, envolvendo uma residência artística em uma escola, a relação entre arte e natureza a partir de obras de alguns artistas e a experiência estética da maternidade.

Com alegria, oferecemos esses textos para abrir muitas conversas em torno de arte, educação e docência, desejando que essas escritas ativem novas ideias e criações. Os textos reunidos aqui estão impregnados de arte, vida e seus movimentos desestabilizadores e incertos. Com este livro, reforçamos o nosso compromisso político, ético e estético com o campo da educação, com a formação docente fora de padronizações alinhadas com produtividade e eficácia, com a defesa da democracia e da educação pública de qualidade. Mais do que nunca, reafirmamos a nossa crença na força impulsionadora da arte na educação e na docência e, como Cervetto e López (2018), manifestamos o nosso desejo de “imaginar o futuro da educação fora das expectativas convencionais existentes”. Imaginar, inventar e continuar pensando é o nosso modo reiterado e urgente de resistir.

REFERÊNCIAS

CERVETTO, Renata, LÓPEZ, Miguel A. O horizonte transformador da educação. *In*: CERVETTO, Renata, LÓPEZ, Miguel A. **Agite antes de usar:** deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. SESC: São Paulo, 2018. p. 11-19.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.